

## MANDETTA X BOLSONARO: O ISOLAMENTO SOCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

MANDETTA X BOLSONARO: THE SOCIAL ISOLATION IN PANDEMIC TIMES

Maria das Dores Nogueira Mendes <sup>1</sup>

Universidade Federal do Ceará

Carlos Piovezani <sup>2</sup>

Universidade Federal de São Carlos

**Resumo:** Neste trabalho, analisamos aspectos da polêmica relativa ao isolamento social, no mês de abril de 2020, em razão da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus. O *corpus* da pesquisa é constituído por três excertos da coletiva de imprensa do ex-ministro da Saúde, Luís Henrique Mandetta, no dia 06 de abril de 2020, e pelo pronunciamento, na íntegra, do Presidente Jair Bolsonaro, proferido dois dias depois. Nossa objetivo é o de descrever como a polêmica se constrói nas dimensões enunciativa, genérica e semântica, constituindo posicionamentos no discurso político. Nesse sentido, adequam-se à pesquisa conceitos de registro, posicionamento e *ethos* (Maingueneau, 2010). A análise aponta para a polêmica enquanto registro que perpassa as unidades discursivas dos campos político, científico e midiático e que se apresenta de forma moderada na coletiva de imprensa e no pronunciamento aqui analisados. Na dimensão enunciativa, o enfrentamento se dá mais pelas discordâncias relativas às ações empreendidas (ou a falta delas) para enfrentamento da pandemia do que pela presença de estilo veemente ou de ataques manifestos. Já na genérica, os gêneros entrevista coletiva e pronunciamento contribuem para a construção de um tom polêmico mais ponderado. Finalmente, na dimensão semântica, instauram-se posicionamentos que aderem ou rechaçam as orientações da ciência moderna para combater a epidemia da Covid-19.

**Palavras-chave:** Polêmica; Política; Ciência.

**Abstract:** In this work, we analyzed aspects of the polemics relating to social isolation, in April 2020, due to the pandemic caused by the new coronavirus. The research's corpus consists of three excerpts from the former health press conference, Luis Henrique Mandetta, on April 6, 2020, and for the pronouncement, in full, from President Jair Bolsonaro, delivered two days later. Our goal is to describe how polemics is constructed in the enunciative, generic, and semantic dimensions, constituting positions in political discourse. In this sense, we appreciate the research concepts of registration, positioning, and ethos (Maingueneau, 2010). The analysis points to the controversy as registration that permits the discursive units of political, scientific, and media fields and that presents moderately at the press conference, and the statement here

<sup>1</sup> Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), ambos da Universidade Federal do Ceará. É líder do Grupo de Pesquisa Discurso, Cotidiano e Práticas Culturais (DISCUTA). Email: dasdores@ufc.br.

<sup>2</sup> Professor associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e pesquisador do CNPq. Foi coordenador do PPGL/UFSCar entre 2013 e 2016 e coordena atualmente o Laboratório de Estudos do Discurso (Labor/UFSCar) e o Grupo de pesquisa Análise do discurso e História das ideias linguísticas (Vox/UFSCar). Email: cpiovezani@hotmail.com.

analyzed. In the enunciative dimensions, the confrontation is more due to the discordances relating to the actions undertaken to confront the pandemic (or the lack of them) than by the presence of vehement style or manifest attacks. Already in Generic, the genres collective interview and pronouncement contribute to the construction of a more weighted controversial tone. Finally, in the semantic dimension, placements that adhere to or reject modern science guidelines to combat the Covid-19 epidemic.

**Keywords:** Polemics; Policy; Science.

### **Texto de autor convidado.**

## **Introdução**

Na segunda quinzena de março de 2020, com o agravamento da crise pandêmica, observamos contornos de uma polêmica no tocante ao isolamento social como medida de contenção da pandemia, tanto dentro da esfera federal, com conflitos entre o Presidente e o ministro da saúde como nas esferas federal e estadual, entre o Presidente e grande parte dos governadores de estado. A politização da ciência parece ser o alvo desse conflito que reverbera em temas como o isolamento social, o uso da cloroquina, a crise econômica, a gestão da vida e da morte por parte do Estado etc.

Vimo-nos, então, assaltados pela hipótese de que a polêmica em torno da politização da ciência, pelo acontecimento discursivo da pandemia, delinearia, no discurso político, posicionamentos “anti” e “pró” ciência. Isso criou em nós a vontade de, como Foucault (2010 [1967]), procurar “fazer um diagnóstico do presente”, por meio da análise da apropriação do campo científico pelo político. Assim, motivados pela necessidade de compreender os discursos do descrédito na ciência, procuramos contribuir para esta investigação a fim de mostrar que o posicionamento anticientífico, a depender também do gênero, não é uma caricatura marcada exclusivamente pela agressividade e pela postura abertamente anticientífica.

### **1. A polêmica como um registro comunicacional**

A polêmica vem sendo objeto de estudo dos trabalhos de Maingueneau desde o livro *Gênese dos discursos* (2005a), no qual trata dela como uma interincompreensão construída entre os discursos dos humanistas devotos e dos jansenistas. Esse espaço de troca tomado como unidade de análise serve para confirmar a sua proposta do primado do interdiscurso sobre o discurso, cuja identidade e, consequentemente, as de seus

posicionamentos se configurariam na relação “com” e não na independência “de” outros discursos.

Nesse sentido, observamos que a noção de polêmica como interincompreensão em Maingueneau não se separa das identidades (inter)discursivas. Posteriormente, em *Análise de textos de comunicação* (2001), tratando das diferentes formas de apreender o discurso, o autor insere o discurso polêmico entre outras tipologias comunicacionais (didático, prescritivo) que são classificadas ora por funções linguísticas (prescritivo, informativo), ora por funções sociais (político, estético, ético).

No artigo intitulado *A análise do discurso e suas fronteiras* (2007), no qual procura arrolar com quais unidades se trabalha em Análise do Discurso, embora não cite o polêmico, abandona o termo “tipologias” e passa a utilizar “registros”, justificando que esses não se fecham neles, mas atravessam-nos (Maingueneau, 2007, p. 19). Já em *Doze Conceitos em análise do discurso*, desenvolve um pouco mais a noção do registro polêmico propondo três dimensões: 1- enunciativo-pragmática; 2- sociogenérica e 3- semântica. Em *Discurso e análise do discurso* (2015), volta a citar o polêmico entre os registros de ordem comunicacional, por misturarem “em proporções variáveis”, critérios de natureza funcional e critérios linguísticos.

Maingueneau (2015, p. 100) argumenta que os registros comunicacionais, entre os quais coloca a polêmica, por serem “estreitamente ligados às práticas sociais” e a uma “diversidade das situações de comunicação” são classificados por parâmetros muito heterogêneos e que embora “aconteça de algum modo desses registros investir[em] de maneira privilegiada em certos gêneros de discurso, eles não se deixam fechar apenas neles [...].”

É o que julgamos acontecer com o registro científico, quando, em decorrência da sua politização no tempo da pandemia, ocasionada pelo novo coronavírus, implica oposições como vida x morte, isolamento social x isolamento vertical, saúde (vida) x economia, uso ou não da cloroquina em protocolos médicos etc. Desse modo, a “divulgação” científica ultrapassa o modelo “canônico” das revistas especializadas, sendo, segundo Moirand, Reboul-Touré e Ribeiro (2016), “‘perturbado’ pela comunicação midiática e pela intervenção de diferentes esferas de atividade: no caso de crises sanitárias [...], por exemplo, observa-se a presença, em especial na mídia, de comunidades languageiras diferentes (políticos, [...] cidadãos comuns, [...] laboratórios farmacêuticos, etc.).

Maingueneau alerta para o reconhecimento de uma dimensão teatral da enunciação polêmica. Como parte de tal dimensão, é destacada a figura de um terceiro espectador, caracterizado como uma instância responsável por assumir as normas que estão subjacentes ao debate, a exemplo do bom senso e dos valores democráticos. Assim, a tese de que a mídia desloca o modelo da divulgação científica, promovendo o diálogo com diferentes esferas de atividade linguageira que nele se cruzam, vem ao encontro da ideia do científico como registro, visto que esse atravessa, além dos diversos campos, diferentes gêneros como o pronunciamento político, o debate televisivo, a entrevista e começa a ser “divulgado” por diversos atores como cientistas, políticos, pessoas comuns, robôs que espalham *fake news* etc.

No caso deste trabalho, interessa-nos observar como o isolamento social decorrente da pandemia torna-se alvo de uma polêmica no discurso político, construindo identidades nesse campo como o posicionamento antienterificista, no qual se insere certa parte do governo federal; e o posicionamento pró-ciência, ao qual adere uma parcela dos governos estaduais e das prefeituras, como também o trânsito de determinados atores desse cenário entre tais posicionamentos.

Maingueneau (2015, p. 101) ainda faz uma distinção entre o “tom” polêmico, “reconhecível por determinado número de traços linguísticos” e o que ele chama de polêmica como “um registro que estrutura o debate público”. O primeiro, que se subsume no segundo, estaria mais relacionado com as “marcas enunciativas e os atos de fala que seriam típicos de enfrentamentos verbais” ao passo que o segundo, que não se restringe ao primeiro, visto que o engloba, estaria unificado “às práticas discursivas por meio das quais [a polêmica] se exerce, [...] à maneira pela qual uma sociedade põe em cena os conflitos de alcance coletivo sobre o que polemizamos”.

Além disso, o autor ainda aponta que para haver a instauração da polêmica como registro não é o bastante estudar as práticas discursivas, mas “é necessário que indivíduos que ocupam determinado lugar percebam certos enunciados como intoleráveis do ponto de vista desse lugar, a ponto de julgarem necessário entrar em conflito com sua suposta fonte” (Maingueneau, 2015, p. 101). Isso pode ser ilustrado, no Brasil, pelas ruidosas e consecutivas demissões dos dois ministros da saúde, Henrique Mandetta e Nelson Teich, em pleno período de pandemia. O primeiro fazia um trabalho coerente com a Organização Mundial de Saúde e foi demitido. Já o segundo, cuja prática ficava a um meio termo entre aquela e os direcionamentos

anticientíficos do Presidente, renunciou ao cargo. Ambos exerciam, simultaneamente, além do papel social de médico, o de político.

Tais demissões se deram em razão do lugar ambíguo ocupado por esses sujeitos, visto que práticas do campo político, principalmente, relacionadas com o isolamento social e o uso da cloroquina, tornaram-se intoleráveis do ponto de vista científico. Nesse sentido, entendemos que tomar a ciência como adversária não é algo contingente, mas constitutivo do posicionamento político de extrema direita que já se gesta pela “criação” e “combate” de determinados inimigos. Com o acontecimento discursivo da pandemia, a saúde passou a ser um deles. Por outro lado, há posicionamentos no discurso político que colocam, no cenário atual de pandemia, a ciência como aliada, que tem sido recorrentemente evocada como parâmetro para tomada de ações, em pronunciamentos de governadores e prefeitos.

Assim, é que, para o autor, a polêmica não se resume naquilo “sobre o que se debate” e sobre “aquilo que é dito”, mas é vista também em uma perspectiva semântica, já que o modo como as coisas são ditas depende da “identidade dos interlocutores”. Nesse sentido, entendemos que a dimensão semântica da polêmica, construtora de posicionamentos (identidades) em um determinado campo discursivo, seria uma dimensão do registro polêmico que estrutura o debate público.

O autor ainda aponta como algo característico desse e de outros registros a presença de mais duas perspectivas, além da semântica, quais sejam, a enunciativa e a genérica, que dela seriam indissociáveis, mas que “não interessa[riam] da mesma maneira à análise do discurso”, já que, segundo o autor, o estudo do registro, para um analista do discurso, não é uma finalidade em si, uma vez que não pode ser desvinculado das práticas discursivas que o assumem em um espaço e em um momento específico. Assim, para a AD, interessaria observar em que medida um registro entra na constituição dos posicionamentos e dos próprios discursos que são construídos, desde sempre, pelo interdiscurso.

Por conseguinte, compete ao analista indagar se a relação com o outro é constitutiva ou não da identidade do posicionamento. Em caso afirmativo, compreende-se que as modalidades do polêmico variam de acordo com os posicionamentos apresentados, uma vez que determinados posicionamentos se mostram mais propícios a produzirem textos polêmicos do que outros.

Neste momento, convém nos determos um pouco mais sobre o conceito de posicionamento, já que ele está atrelado à constituição dos campos discursivos, os quais, por sua vez, são atravessados pelos registros, como o polêmico, aqui em estudo. Intentaremos observar, além da faceta da semântica da polêmica, o papel das outras dimensões (enunciativa e genérica) desse registro para a constituição de posicionamentos no discurso político, tais como o anticientífico e o pró-ciência.

A noção de posicionamento como equivalente de doutrina, escola, teoria, partido e tendência, será considerada por Maingueneau (2000, p. 173) como “demasiado pobre já que implica apenas que os enunciados são relacionados a diversas identidades produtoras de discursos que se definem umas às outras”. Para ele, essa noção não se alinha completamente com a concepção forte de interdiscurso (Maingueneau, 1997, p. 173) na qual “a unidade de análise pertinente não é o discurso em si mesmo, mas o sistema de referências aos outros discursos através do qual ele se constitui e se mantém”.

Desse modo, do ponto de vista de Maingueneau (2000, p. 173), os posicionamentos, pretendem surgir de um regresso a algo “que outros posicionamentos teriam desfigurado, esquecido, subvertido”, como julgamos acontecer com o posicionamento anticientífico do qual o discurso político no Brasil parece se (re) apropriar também durante a pandemia da Covid-19. Tal posicionamento poderia também ser chamado de anti-iluminista visto que desacredita da ciência moderna. Esses posicionamentos também são perpassados por outros discursos, assim como aqueles discursos nos quais tais posicionamentos tomam parte.

Por outro lado, há também, no discurso político, uma resistência que, em meio à pandemia, procura regressar aos consensos científicos, os quais foram, justamente, desfigurados pelos anticientíficos. Tais posicionamentos se engajam em uma polêmica, construindo-a e sendo construídos por ela e passando a fazer um simulacro do outro com o qual polemizam. Na política, a inserção dos sujeitos em certo posicionamento tem consequências muito sérias para a população, ainda mais evidentes em tempos de pandemia, visto que essas identidades polemizam em relação à gestão da vida e da morte que se materializa na dimensão semântica.

## 2. O *ethos* e as dimensões do polêmico

Como já comentamos, Maingueneau (2010, p. 191) faz uma distinção entre o tom e o registro polêmico. Aquele, reconhecível, muitas vezes, como “agressivo”, “veemente”, é resultado da convergência de “determinado número de traços linguísticos”, ao passo que o registro polêmico pode recobrir a dimensão do tom, mas não se restringe a ela, visto que, como afirma o autor, “a desqualificação de um adversário não passa necessariamente pela exibição de traços de polemidade”, os quais, muitas vezes, são responsáveis pela construção do tom.

Nas obras do autor, o tom [modo de dizer] geralmente está ligado ao *ethos*, visto que permite ao leitor [ouvinte] atribuir um caráter e uma corporalidade à figura do enunciador, denominada de fiador do que é dito. Observamos, assim, que o tom não recobre o *ethos*, visto que sua totalidade está necessariamente associada às categorias caráter e corporalidade. O primeiro corresponde a este conjunto de traços ‘psicológicos’ que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função do seu modo de dizer” e o segundo “remete a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva” (Maingueneau, 1997, p. 46-47).

Maingueneau (2010) insere o tom polêmico no âmbito da dimensão enunciativo-pragmática, intentaremos observar também a relação desse elemento do *ethos* com as outras dimensões do registro polêmico. Esse interesse se dá com base no próprio conceito de registro que atravessa diferentes discursos e gêneros e na distinção que o autor faz entre tom, registro e texto com intenção polêmica, a qual nos parece apontar para uma intrincada relação entre *ethos* dito e *ethos* mostrado na construção da polêmica.

Maingueneau (2005b) torna mais refinada a noção de *ethos* discursivo, quando propõe que ele pode aparecer tanto de forma mostrada quanto dita. Segundo o autor, “a distinção entre *ethos* dito e *ethos* mostrado inscreve-se nos extremos de uma linha contínua já que é impossível definir uma fronteira clara entre o “dito” sugerido e o “mostrado” não explícito” (Maingueneau, 2005b, p. 82).

O *ethos* discursivo na sua especificação mostrado ocupa a primeira extremidade desse *continuum*, já que o *ethos* por natureza é mostrado. Maingueneau (2005b, p. 70) ensina que “o *ethos* se desdobra no registro do “mostrado” e, eventualmente, no do “dito”. Sua eficácia decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado”.

Nesse sentido, quando o *ethos* discursivo é explicitado de forma dita diretamente, ou seja, por meio de fragmentos textuais se afasta de certo modo de sua natureza mostrada e, por isso, fica na outra extremidade do *continuum*. Já quando o enunciador elabora seu *ethos* dito indiretamente, isto é, sem mencionar suas características e seu modo de falar - mas sugerindo-o por meio da evocação de uma cena de fala, apresentada como modelo ou um antímodelo da cena do discurso - é evidente que fica difícil distinguir, nitidamente, esse *ethos*, apenas *dito* indiretamente no enunciado, daquele mostrado de forma não explícita na enunciação.

Maingueneau (2005b, 2006) ainda propõe que as instâncias *ethos* pré-discursivo e *ethos* discursivo (mostrado e dito) interagem na elaboração do *ethos* efetivo, ou seja, daquele constituído pelo destinatário (leitor ou pelo ouvinte), mas salvaguarda a ideia de que o peso de qualquer uma dessas noções varia conforme os gêneros do discurso e o posicionamento discursivo.

Segundo Maingueneau (2006, p. 271) “não é possível estabilizar definitivamente uma noção [como a de *ethos*]”. Por tal motivo, recomenda apreendê-la como um “eixo gerador de uma multiplicidade de desenvolvimentos possíveis”.

Entre tais desenvolvimentos está a nossa proposição de analisar o *ethos* na relação com as três dimensões do polêmico (enunciativa, genérica e semântica), visto que o próprio autor afirma que as facetas que compõem a instância do *ethos* efetivo variam conforme os gêneros e os posicionamentos discursivos. Podemos ainda questionar como o *ethos*, que inclui o tom, pode tomar parte na constituição dos posicionamentos (dimensão semântica), tendo em vista que ele seria do plano da enunciação. No entanto, entendemos que, quando se fala em *ethos* do posicionamento (dimensão semântica), trata-se de uma abstração de traços recorrentes que foram repertoriados dos textos (dimensão enunciativa) e que são, então, condicionados pelos diferentes elementos que comporiam aquilo que o autor denomina de semântica global.

### 3. O *corpus*: da entrevista coletiva ao pronunciamento

Selecionamos para este artigo três trechos de uma entrevista coletiva com o então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que tem duração de trinta e três minutos e cinquenta e um segundos e está disponível no canal do youtube do Ministério da Saúde<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=Xavd3UwEtdI&t=680s>.

No dia em que a entrevista foi realizada, seu nome foi parar, devido à veiculação da sua possível substituição em meio à pandemia, em primeiro lugar nos assuntos principais do Twitter, com a hashtag #FicaMandetta. Além disso, o nome de Osmar Terra<sup>4</sup>, por ser cotado como um dos seus prováveis sucessores, ocupou segundo lugar nesse *ranking*. Além disso, a hashtag #Urgente ainda foi associada às publicações que repercutiam a possibilidade de demissão do então atual ministro da Saúde.

Esse dados mostram como a especulação em torno da exoneração do ministro teve ampla divulgação nas redes sociais e em outras mídias (jornal, televisão etc), como se pode notar pelos 2.170 resultados obtidos em consulta ao Google pela expressão “mandetta nos trending topics do twitter dia 06 de abril”. Para a composição do *corpus*, elegemos ainda, na íntegra, o pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro, transmitido em cadeia nacional de rádio e televisão, na noite de 8 de abril de 2020. Esse vídeo tem duração de cinco minutos e onze segundos e está disponível no canal do youtube Planalto<sup>5</sup>.

Nossa escolha se deu em razão de ser essa a primeira vez que Bolsonaro defende oficialmente, por se tratar do gênero pronunciamento, o uso da hidroxicloroquina no tratamento da Covid. Sua fala, a exemplo das quatro anteriores, foi acompanhada de protestos, os chamados panelaços em casas e sacadas de prédios de todo o país. Outro motivo, este ainda mais fundamental para nossos propósitos neste texto, é que ela constitui, a nosso ver, uma espécie de resposta à entrevista coletiva do ministro Mandetta.

Os excertos retirados da coletiva do Ministro da Saúde serão diferenciados por numerais cardinais (1), (2) e (3), já os pertencentes ao pronunciamento do Presidente serão designados por ordem alfabética (A), (B), (C) e (D). Procuramos analisar a polêmica em relação ao isolamento social nas dimensões enunciativa, genérica, semântica e em relação à construção do *ethos*.

#### 4. Ciência: uma palavra, dois sentidos

Para a organização desta breve seção de análise, confrontamos os excertos da entrevista de Mandetta com o pronunciamento de Bolsonaro conforme os elementos que parecem estar em disputa pelos diferentes posicionamentos.

---

<sup>4</sup> Deputado federal pelo MDB do Rio Grande do Sul e ex-ministro da Cidadania.

<sup>5</sup> Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=x04OKkxT2Tc>

#### 4.1. Bolsonaro x governadores

(1) Enquanto não tivermos regularização de estoque de EPI, enquanto não tivermos previsibilidade de colocação de respiradores, enquanto não tivermos as condições de mudarmos as recomendações nós reforçamos que devem ser seguidas as orientações dos senhores Governadores de Estado. (Mandetta)

Se dividirmos o excerto (1) em dois, é possível dizer que, na segunda parte, o enunciador (“nós”) adere fortemente (“reforçamos”) às medidas adotadas pelos governadores de Estado para o enfrentamento da pandemia e compele os coenunciadores a, por meio do modal “dever” (“devem ser seguidas as orientações”), também acatarem-nas.

No entanto, essa posição do enunciador é motivada pela primeira parte do excerto, constituída de três orações introduzidas pela estrutura “enquanto não tivermos”, as quais compõem uma enumeração das providências (“estoque de EPI, previsibilidade de colocação de respiradores, condições de mudarmos as recomendações”) de enfrentamento da pandemia que ainda não tinham sido tomadas, supõem-se, pelo governo federal, mesmo que, nessa data, já fossem contabilizadas 555 vítimas da doença, distribuídas em quase todos os estados brasileiros, com exceção de Tocantins.

Essa postura omissa do Presidente da República levaria, portanto, o ministro da saúde a se pautar e orientar a população pelas resoluções da esfera estadual, amparadas em critérios técnicos e científicos. O enunciador deixa claro ser essa a alternativa, pelo menos, até o tempo em que durar a posição do Presidente.

Cumpre notar ainda que a assertividade do enunciador, marcada em “reforçamos que devem ser”, é envolta por um *ethos* prudente, quando trata da forma como o Presidente tem conduzido a pandemia, o que é perfeitamente consonante com o momento de coletiva no qual responde a imprensa sobre a permanência no cargo de ministro da saúde, após um dia em que ela especulava sobre sua substituição.

Assim, a polêmica é construída de forma mais indireta, visto que a fala do Ministro da Saúde não cita diretamente o Presidente, mas as ações sob a responsabilidade dele que, ao não serem executadas, precisam ficar a cargo dos governadores de Estado. Para não citar diretamente o Presidente, o enunciador ainda recorre ao chamado plural de modéstia, que permite não especificar quem é responsável pela precariedade nos insumos e ausência de rumo no combate à pandemia. Assim, o

enunciador fala como um “nós” coletivo, ou seja, o governo federal, do qual ele não pode se excluir, mas que depende das decisões de seu representante maior, o Presidente da República.

O plural de modéstia ainda pode ter sido usado também para evitar marcas de individualismo e valorizar o trabalho coletivo, construindo o *ethos* de um líder e tentando fazer, de forma mais mostrada que dita, com que os ouvintes e coenunciadores incorporem suas ideias e construam para o Presidente uma imagem irresponsável, omissa frente à condução da pandemia.

Assim como fizemos com a entrevista coletiva, vamos repartir em duas partes o primeiro excerto (A) do pronunciamento de Bolsonaro, o que julgamos constituir uma resposta à entrevista coletiva de Mandetta:

(A) Tenho a responsabilidade de decidir sobre as questões do país de forma ampla, usando a equipe de ministros que eu escolhi para conduzir os destinos da nação. Todos devem estar sintonizados comigo. Sempre afirmei que tínhamos dois problemas a resolver: o vírus e o desemprego. Respeito a autonomia dos governadores e prefeitos. As medidas de forma restritiva ou não são de responsabilidade dos mesmos. O governo Federal não foi consultado sobre sua amplitude ou duração (Bolsonaro)

Na segunda parte, aquilo que Mandetta havia chamado de “orientações dos senhores Governadores de Estado”, é denominado por Bolsonaro de “medida de forma restritiva”, como uma menção indireta ao isolamento social, que já era adotado por governadores e prefeitos há cerca de um mês. O enunciador diz respeitar a autonomia dos governadores e prefeitos, não se opondo a ela por marcas prototípicas (adverstivas, concessivas), no entanto se isenta quanto à responsabilidade por quaisquer medidas de enfretamento da pandemia, pelo fato de não ter sido consultado sobre elas.

Esse paradoxo entre respeito à autonomia e divulgação da falta de consulta, além de mostrar a discordância do enunciador com o estado, parece servir também ao triplo objetivo de não deixar a população ver a forma errática como tem conduzindo a pandemia, eximindo-se da culpa por qualquer erro e imputando-a aos governadores. Além disso, silencia que a tomada de posição dos governadores é decorrente da sua postura problemática e/ou da falta dela.

Desse modo, mesmo tendo começado o pronunciamento afirmado, em primeira pessoa, que “Te[m] a responsabilidade de decidir sobre as questões do país de forma ampla”, não apresenta qual é o rumo tomado pelo governo federal, apenas se isenta da

responsabilidade, sem apresentar justificativas para a acusação de falta de consulta por parte dos governadores e sem relacionar tal fato com a ausência de diretrizes e de insumos que deveria ter partido do Governo Federal. Nesse sentido, não se defende das acusações feitas pelo ministro Mandetta, mas, ao mostrar que não se responsabiliza pelas medidas adotadas pelos governadores e prefeitos, termina por, indiretamente, polemizar com ele, que reforça que elas devam ser seguidas.

Já na primeira parte do pronunciamento, embora não cite nomes, o enunciador menciona “a equipe dos ministros”, afirmado que essa foi escolhida por ele e que, portanto, “todos *devem* estar sintonizados” com quem a constituiu, “mostrando”, ou seja, possibilitando a inferência de que alguém pode, seguindo a metáfora musical, estar desafinando em relação a dois problemas: o vírus e o desemprego.

Sabendo-se que Bolsonaro é contra ao isolamento social em razão dos impactos que causa à economia, promove um falso dilema entre ambos, visto que não adotá-lo também gera grandes custos econômicos, além da perda de milhares de vida. Logo, seu pronunciamento polemiza com as coletivas do então Ministro da Saúde, com a maioria dos governadores e prefeitos e, por extensão, com a ciência, na qual aqueles se pautam para defender o isolamento social como forma de combater a disseminação do vírus e de evitar o colapso dos sistemas de saúde e econômico.

Cabe chamar atenção para o uso do modal “dever” que evidencia um tom impositivo para essa sintonia, mas, principalmente, para o uso frequente da primeira pessoa do singular (“tenho”, “Eu escolhi”, “comigo”, “afirmei”) que permeia toda a primeira parte do pronunciamento mostrando um enunciador centralizado em si cuja relação com a equipe ministerial ocorre de maneira unilateral.

Embora a primeira pessoa do singular seja característica do gênero pronunciamento, comumente, faz alternância com a primeira do plural. No entanto, no pronunciamento de Bolsonaro, a primeira do plural aparece uma única vez (“tínhamos”), justamente quando trata de problemas (vírus e desemprego), para minimizar, de certa forma, a sua responsabilidade como Presidente. Essa mudança de pessoa mostra que há um enunciador particular a quem cabe afirmar (o Presidente) e outro coletivo (o Governo Federal), a quem cabe resolver os problemas. Essa duplidade, de certo modo, contradiz a afirmação do início do pronunciamento na qual o enunciador individual sentencia “te[r] a responsabilidade de decidir sobre as questões do país de forma ampla”.

Esse enunciador coletivo é categorizado no último período do pronunciamento como “Governo Federal” e foi a ele que, conforme o enunciador individual, os governadores deixaram de consultar sobre medidas de isolamento. Nesse sentido, o enunciador individual (Presidente), quando não atribui essa falta de consulta a si, mas ao Governo Federal (enunciador coletivo), atenua o próprio caráter centralizador e projeta para aqueles a imagem de rivais, inimigos, cujas medidas adotadas por eles e baseadas na ciência moderna não são benéficas para a nação, o que o autoriza se não a ser contrário, por respeito à autonomia deles, pelo menos, a se eximir da responsabilidade sobre elas.

#### 4.2. Contaminação x proteção do emprego

No segundo trecho que selecionamos da referida entrevista coletiva de Mandetta, ele aborda a relação entre a movimentação social e a propagação do vírus entre os mais vulneráveis:

(2) Essa movimentação vai levar esse vírus para as camadas mais frágeis da nossa sociedade e mais numerosas, vai levar para os moradores de rua, vai levar para as comunidades, às favelas, vai levar para as grandes concentrações urbanas. Nós demos alguns parâmetros. Esses parâmetros vão sendo gradativamente incorporados pela população. A população precisa entender que a movimentação social é tudo que esse vírus, que é o nosso inimigo, quer. (Mandetta)

Ao reforçar, no excerto (2), as orientações dos governadores e prefeitos, Mandetta, embora não o diga explicitamente, também defende o isolamento social e passa, na continuidade da coletiva, a alertar o quanto danosa pode ser a movimentação social na medida em que contribuirá para aumentar a disseminação do vírus, que ele figurativiza como um inimigo, sobretudo, para os mais vulneráveis e para onde houver uma maior concentração de pessoas.

É interessante notar como o ex-ministro não incentiva o isolamento social de forma explícita, fazendo uso desse sintagma, visto que, ora reforça as orientações dos governadores e prefeitos, ora alerta para os riscos da movimentação, além de falar em parâmetros incorporados pela população. Mantém, assim, um *ethos* seguro, mas ponderado, medindo as palavras, certamente a fim de não entrar em confronto aberto com o Presidente, que defende o isolamento vertical, e para tentar exercer algum controle sobre a sua fala, tentando evitar ser mal interpretado, o que pode facilmente ocorrer em um gênero como a entrevista coletiva.

No excerto (B), que dá continuidade ao pronunciamento de Bolsonaro, o enunciador se mostra contra o isolamento, também recorrendo à preocupação com “os mais humildes”, mas, para afirmar que eles “não podem deixar de se locomover para buscar seu pão de cada dia”. Depois assevera que o isolamento social, que ele denomina metaforicamente de “consequências do tratamento”, não pode ser mais danoso que a própria doença. Alega também que “o desemprego leva à pobreza, a fome, a miséria, em fim, à própria morte”:

**(B)** Os mais humildes não podem deixar de se locomover para buscar seu pão de cada dia. As consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a própria doença. O desemprego também leva à pobreza, a fome, a miséria, em fim, à própria morte. Com esse espírito instruí meus ministros. (Bolsonaro)

Assim, o enunciador tenta estabelecer um falso dilema entre distanciamento social e proteção da economia, ao procurar fazer crer que a medida proposta pelo discurso do então atual ministro da saúde e dos governadores, pautado na alternativa científica é prejudicial como ocorre de forma típica na retórica reacionária (Autor; Gentile, 2020). Logo, busca promover uma dualidade entre elementos inseparáveis, apagando a possibilidade de que os mais vulneráveis poderem ficar em casa, mediante ação governamental.

Por fim, alega que “instrui[u] seus ministros” com o espírito de garantir que os mais vulneráveis pudessem continuar se locomovendo para garantir seus empregos e, consequentemente, sua sobrevivência. Assim, o enunciador deixa claro que, se algum ministro, está destoando desse espírito, faz isso por conta própria e não por recomendação sua, isentando-se, mais uma vez, da responsabilidade dos efeitos do isolamento social na economia, os quais inevitavelmente ocorrerão, imputando-a a outrem, no caso, ao ministro dissonante Mandetta, como já havia feito com governadores e prefeitos no excerto (1).

#### 4.3. Ciência moderna x cloroquina

Além dos temas isolamento social, proteção dos vulneráveis, morte etc., a ciência e a saúde também serão disputadas pelo o que classificamos, até o momento, como o Posicionamento Político Pró-Ciência (PPP), representado nesse *corpus* pelo ministro Mandetta, governadores e prefeitos e o Posicionamento Político Antcientíficista (PPA), mais precisamente que se posiciona, nem sempre em termos

absolutos, contra a ciência moderna, o qual é capitaneado pelo Presidente Bolsonaro, como podemos conferir nos excertos (3) e (C):

(3) A saúde, a ciência ainda vai achar uma saída mais elegante para esse problema, por enquanto, o que temos é uma saída muito primitiva de procurarmos isolamento frente a uma doença que pode fazer um *spinning*. (Mandetta)

O ex-ministro Mandetta recorre ao consenso da ciência que engloba a saúde (“*A saúde, a ciência* ainda vai achar uma saída mais elegante para esse problema”) para afirmar que ainda se achará outro modo de enfrentamento da Covid -19, o que nos faz inferir que seja o desenvolvimento de vacinas. No entanto, enquanto isso não acontece, a alternativa provisória autorizada pelo discurso ao qual recorre e no qual como médico toma parte é o isolamento social.

Quanto ao Presidente Bolsonaro, se fundamenta na consulta que ele diz ter feito a pessoas que fazem parte dos discursos da saúde, da ciência e da política (“Após ouvir, médico, pesquisadores e chefes de estado de outros países”), para divulgar, oficialmente, visto tratar-se do gênero pronunciamento, o que já vinha fazendo, por outros meios, há “40 dias”, uma possibilidade de tratamento para a Covid-19, em sua fase inicial, o uso da hidroxicloroquina, como podemos conferir no excerto (C):

(C) Após ouvir médico, pesquisadores e chefes de estado de outros países, passei a divulgar nos últimos 40 dias a possibilidade de tratamento da doença desde sua fase inicial. Há pouco conversei com o Dr. Roberto Khalil, cumprimentei-o pela honestidade e pelo cumprimento ao juramento de Hipócrates. Ao assumir que não só usou a hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos. (Bolsonaro)

Na fala do ex-ministro Mandetta, o enunciador se posiciona como representante de coletivos dos quais como médico faz parte institucionalmente, quais sejam a saúde e a ciência. Tal comunidade, até abril de 2020, ainda só dispunha das alternativas do isolamento social e das práticas de higiene como consenso para inibir a contaminação pelo novo coronavírus.

Já a fala do Presidente Jair Bolsonaro parece advir de um enunciador, porta-voz, divulgador da experiência particular/individual de um membro dessa comunidade, o médico cardiologista, Roberto Khalil, para adotar um protocolo geral de enfrentamento da doença divulgando um remédio cujo uso para esse fim ainda não tem eficácia comprovada pela comunidade científica. A citação do médico, além de servir como

argumento de autoridade para defesa do uso da hidroxicloroquina, contrasta com postura do também médico e, na época, Ministro da Saúde, Mandetta que, como vimos, defende o isolamento social no combate à pandemia.

Tal discordância resulta na atribuição para o então ministro da saúde de qualidades contrárias aquelas elogiadas pelo enunciador no Dr. Roberto Khalil (“honestidade e o cumprimento ao juramento de Hipócrates”). O enunciador diz se basear na fala desse médico sobre ter tomado e receitado hidroxicloroquina para concluir apressada e taxativamente que todos estão salvos. Tenta assim construir para si, o *ethos* do protetor da vida, como já feito no excerto (B), quando defendeu o abandono do isolamento social, para manutenção do emprego. É possível notar que esse *ethos* pretendido por ele contrasta com a imagem de genocida produzida para ele por grande parte da mídia.

Esse contraste entre *ethos* de salvador da vida versus o discurso que o aponta como um genocida, assim como a postura do enunciador contra a ciência moderna, são reforçados no excerto (D) no qual, com base na conversa com o médico Khalil, elogia a decisão dele de ministrar a cloroquina, mesmo sem ter se cumprido o prazo para comprovação científica:

**(D)** Disse-me mais: que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes ministrou o medicamento agora para não se arrepender no futuro. Essa decisão poderá entrar para história como tendo salvo milhares de vida no Brasil (Bolsonaro)

Esse excerto que finaliza o pronunciamento do Presidente ataca, simultaneamente, a ciência, na medida em que o enunciador não considera o tempo de que ela necessita para estabelecer consensos e protocolos, e o Ministro da Saúde, que, por se comportar como um de seus representantes, opta por respeitar seus prazos (“A saúde, a ciência ainda vai achar uma saída mais elegante para esse problema”) e se recusa a politizá-la com soluções rápidas e mágicas, mas sem eficácia comprovada no combater a Covid-19.

Nas seções apresentadas, tratamos de como a polêmica relativa ao isolamento social se constitui nas dimensões enunciativa, genérica e semântica deixando entrever os Posicionamentos Pró-Ciência e anticientíficista no discurso político. Vejamos no quadro a seguir as principais oposições entre ambos:

**Quadro 1.** Principais oposições entre o PPP e o PPA

|   | <i>Posicionamento Político Pró-Ciência (PPP)</i>                         | <i>Posicionamento Político Anticientífica (PPA)</i>  |
|---|--|--|
| <i>Isolamento social</i>                    | Proteção da vida, principalmente, dos mais vulneráveis.                  | Destroi a economia. Condena a morte pelo desemprego os mais vulneráveis.   |
| <i>Morte</i>                                | Pelo vírus.  | Pelo desemprego.   |
| <i>Economia</i>                             | Isolamento social em um primeiro momento.                                | Abandono do isolamento. Retorno ao trabalho.   |
| <i>Medidas dos Governadores e prefeitos</i> | Reforço.   | Isenção.   |
| <i>Ciência</i>                              | Isolamento social. Consenso científico. Prazos e protocolos científicos. | Cloroquina. Generalização da experiência e da opinião individual. Soluções rápidas sem embasamento e comprovação científica. |
| <i>Vida</i>                                 | Isolamento social.   | Emprego. Cloroquina.   |

**Fonte:** Elaboração própria.

### Considerações Finais

Após a breve análise que fizemos sobre a polêmica que envolve o isolamento social relativo à pandemia do novo coronavírus, bem como de alguns de seus desdobramentos, chegamos à conclusão de que em se tratando de gêneros como a

entrevista e o pronunciamento o registro polêmico que perpassa as unidades do político, científico e midiático aparece com um tom mais leve ou indireto.

Na dimensão enunciativa, encontra-se no que tange ao enfrentamento verbal relacionado ao isolamento social, ao tratamento dos mais vulneráveis, às medidas restritivas propostas pelo estado, à preservação da vida e da economia, aos protocolos científicos etc. efeitos de uma ponderação no fala do ex-ministro e certo funcionamento no discurso do Presidente, no qual são conciliados dizeres que se contradizem em outras formações discursivas. Nesse sentido, talvez se possa dizer que, no *corpus* analisado, a polêmica gira mais em torno de discordância em relação às ações dos enunciadores, ou da falta delas, do que do conflito aberto, do ataque pessoal.

Em certos momentos, a polêmica da qual tratamos aparece mais mostrada que dita diretamente, o que, como vimos, parece ter relação com as coerções da dimensão genérica. Os efeitos de ponderação que se constroem pela fala do então ministro, por fazerem parte de uma entrevista coletiva que se dá no final de um dia em que a própria imprensa especulou e divulgou a sua possível exoneração do cargo, tentam, de certo modo, antecipar, controlar a interpretação que os jornalistas fariam em relação à sua fala. Assim, tal discurso lida de imediato com, pelo menos, quatro coenunciadores, quais sejam a equipe do Ministério da saúde, o Presidente, a imprensa e o povo, os quais atuam de diferentes formas para a sua produção.

Quanto à fala do Presidente, mesmo tendo uma duração de apenas cinco minutos não conseguiu, como mencionamos, escapar de efeitos que para outros campos seriam contraditórios, no entanto, por se tratar do gênero pronunciamento, a exceção de dizer que os ministros deveriam estar sintonizados com ele, mitigou as ameaças diretas, as palavras duras que costuma proferir contra aqueles que considera como inimigos. Isso fica evidente se comparamos o pronunciamento analisado com os “desabafos” que costuma fazer a seus apoiadores, o chamado cercadinho, em frente ao Palácio da Alvorada. Autor e Gentile (2020) também identificam essa relativa diversidade de estilos de linguagem de Bolsonaro, conforme as distintas condições de fala.

Na dimensão semântica, observamos que a polêmica entre as ações (ou a falta delas) de combate à pandemia esbarra na adesão ou no rechaço do que se entende por ciência moderna, o que gera no campo discursivo político os posicionamentos pró e anticiência. É interessante notar também que, embora, politicamente, ambos os oponentes possam ser posicionados como de direita, divergem a respeito dos sentidos de

“ciência”, na medida em que o ex-ministro indica os protocolos e exigências da comunidade científica e o Presidente procura torná-los equivalentes a uma declaração de um médico ou de outro sujeito do setor, em uma situação de fala privada. Assim, aquilo que mais caracteriza a materialização do posicionamento anticientífico em análise, não é o ataque à ciência, mas a construção de certo sentido para a ciência no qual ele próprio se apoia, fazendo equivaler, por menção genérica, sem a indicação precisa de nomes, de especialidades, “ouvir médico”, “pesquisadores” e “chefes de estado”.

Finalmente, no tocante à relação entre a polêmica em análise e a construção do *ethos*, observamos, nos excertos da coletiva, os *ethé* de líder ponderado, de adepto das posições científicas. Já o pronunciamento traz os *ethos* de político centrado em si, na própria experiência (conversa com o médico), ainda que de forma moderada, visto que se deu ao trabalho de consultar a opinião de um cientista. Além disso, ainda oferece o *ethos* dito do salvador de vidas, embora possa mostrar a imagem de um genocida pelas ações que propõe.

Essas foram conclusões as quais conseguimos chegar por meio da análise desse pequeno *corpus*. No entanto, desde abril de 2020, já emergem outros confrontos que guardam semelhanças com o que foi abordado aqui, dentre os quais se destaca a polêmica em torno da vacinação contra o novo coronavírus.

## Referências

FOUCAULT, M. História da loucura na Idade Clássica. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MAINIGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

MAINIGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson Barros da Costa. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331/6685>. Acesso em: 03 fev. 2025.

MAINIGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINIGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Edições Criar, 2005a.

MAINIGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005b.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MAINGUENEAU, D. A análise do discurso e suas fronteiras. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.14, n.20, jan./jun, 2007. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga20/arqs/matraga20a01.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MAINGUENEAU, D. *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. Parábola: São Paulo, 2015.

MOIRAND, S, REBOUL-TOURÉ, S, & RIBEIRO, M.P. A divulgação científica no cruzamento de novas esferas de atividade lingüística. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 145-171, Maio/Ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23847>. Acesso em: 01 mar. 2025.

PIOVEZANI, C.; GENTILE, E. *A linguagem fascista*. São Paulo: Hedra, 2020.